

O QUASE FIM DO MUNDO

Pepetela

Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008

384 páginas

Lola Geraldes Xavier*

Pepetela, em seu último romance, constrói ficcionalmente o início da história do recomeço da humanidade, após um hipotético holocausto. O escritor angolano tem vindo a habituarnos à importância que dá às frases que principiam os seus livros, este caso não é diferente. Com uma frase curta, o autor sintetiza, na abertura do romance, a informação-chave, à volta da qual se constrói a narrativa: «Chamo-me Simba Ukolo, sou africano, e sobrevivi ao fim do mundo. Se o fim do mundo quer dizer o aniquilamento absoluto da humanidade, haverá algum exagero na afirmação, pois escapou alguém, eu [...]». Este início de *O Quase Fim do Mundo* vem tentar responder à questão: «E se de repente acabasse o mundo?» A resposta ficcional a esta pergunta é cheia de criatividade e surpresas, a começar pelo fim do mundo incompleto, pois, ao longo da narrativa, vamos percebendo que sobraram vários vestígios de vida vegetal e animal, mas, em África, mais ou menos na região onde fazem quase

confluência os países Tanzânia, Congo, Burundi, Uganda e Ruanda, muito próximo do sítio onde hoje se pensa que terá começado a Humanidade. Este é, pois, um tema diferente de Pepetela, que nos habituou a situar as suas narrativas sobretudo em Angola. Apesar de aqui a localização espacial não ser o mais importante, até porque há apenas uma ou outra referência ao Kilimanjaro e pouco mais, percebe-se que se trata da região dos grandes lagos e que Nairobi não está muito longe do local onde se começam a reunir os sobreviventes.

As onze personagens, vindas da região em torno de Calpe, vão-se agrupando nesta capital. Calpe, enquanto espaço simbólico da cidade ideal, o da redenção, aparece neste livro, mais uma vez, como um dos *Leitmotiv* pepetelianos, depois de *Muana Puó*; *O Cão e os Caluandas* (como espaço antetextual) e *A Parábola do Cágado Velho*. Em *O Quase Fim do Mundo* parece fechar-se um ciclo e fica finalmente explicada a simbologia de Calpe que nos restantes livros deste autor não ganhava a relevância que aqui adquire. Calpe é o epicentro da esperança de futuro, é a terra da sobrevivência e do recomeço da Humanidade. A acção é maioritariamente localizada na África Central, sem que sejam

dadas coordenadas mais precisas do que a localização de Calpe: «se estabelecermos um triângulo entre a nascente do Nilo, a qual por vezes ainda é discutida, a do Congo e a do Zambeze, vemos que Calpe fica mais ou menos a meio do triângulo» (pp. 54-55).

Desengane-se, por isso, o leitor que pense que apenas o médico Simba Ukolo subsistiu. Ao longo da narrativa, para além de outros figurantes que sobrevivem, ou seja, grupos no meio da floresta, avistados de avião, e de *Rex*, o cão, vão-nos sendo apresentadas outras personagens. É o caso de Joe, o maluco – que funciona apenas como figurante; de Nkunda, a criança, sobrinho de Simba Ukolo e do pescador, única personagem identificada apenas pela sua profissão, o que reduz a sua importância na trama narrativa. É o caso ainda de outras personagens mais relevantes como o ladrão Joseph Kiboro; Jan Dippenaar, o bóer branco; Riek, o feiticeiro, e Julius Kwenda, o mecânico/electricista. Por sua vez, o sexo feminino é representado pela dogmática Dona Geny, a doméstica, devota da ordem Paladinos da Coroa Sagrada, ironicamente a ordem que esteve na origem deste «quase fim do mundo», que apenas encontra apoio e conforto no pescador. Há ainda a registar a presença de Ísis, a recém-licenciada em História que engravidará de Riek, frustrando, assim, as expectativas amorosas de Simba Ukolo e de Jude, a adolescente provocadora, que a custo consegue seduzir o médico. Deste grupo faz parte apenas uma mulher branca, Janet, a americana que

se encontra em África a estudar um grupo de gorilas e que se envolverá romanticamente com Julius.

Inicialmente, dá-se a incompreensão em relação à situação vivida, pois cada um dos sobreviventes encontra-se sozinho. Tendo assistido à volatilização de várias formas de vida, só mais tarde procuram outros sobreviventes, começando a cogitar e a estabelecer relações que possam decifrar «a coisa» (p. 116). Ou seja, a explicação para o facto de terem sido eles e não outros habitantes daquele espaço africano a sobreviver baseia-se numa ironia histórica de preconceitos: «uma pequena parte da vida escapou em África porque, como sempre, ela foi menosprezada, pouco digna de ser levada a sério e pouparam aí nas armas» (p. 373).

Na última parte, as personagens (à excepção de Dona Geny, o pescador e Riek) deslocam-se à Europa de avião e, num estilo quase de romance policial, tentam, depois de Roma, do Vaticano e de Paris, encontrar outros vestígios de vida, bem como a resposta para o que realmente acontecera. De pista em pista, desvendam o mistério em Berlim num manuscrito deixado nas Portas de Brandenburgo por um dos inventores do «Feixe Gama Alfa». A explicação encontrada deixa o grupo de sobreviventes boquiabertos. Graças a armas de destruição em massa, a Igreja dos Paladinos da Coroa Sagrada colocou em marcha o plano de «redenção da raça branca», com o intuito de livrar a Terra dos «cromossomas da ignomínia, do vício, da preguiça e da estupidez» (p. 341), ou seja, de todos os que não fossem «bran-

cos puros» (p. 340). Porém, é suprema a ironia contra este fundamentalismo e espírito pequeno de europeu, pois os dez mil brancos puros que se abrigaram numa gruta dos Alpes austríacos, pensando que ficariam protegidos pelo amianto, juntamente com os exemplares de outras espécies animais, qual arca de Noé (falhada), são igualmente eliminados. A protecção do amianto revelara-se insuficiente. Resta, pois, saber por que motivo houve apenas alguns sobreviventes, os que não estariam em contacto com superfícies metálicas, numa zona do Globo. A justificação destaca o menosprezo pela África, espaço de «povos arcaicos e selvagens» (p. 341). A motivação para o «quase» fim do mundo é, assim, de ordem rácica, na tentativa de reconstrução de uma Humanidade melhor, de um «Homem Novo» (p. 347), livre de multiculturalismo. O discurso do manuscrito (pp. 340-347) encontra-se pleno de léxico do campo do racismo, na exaltação de uma raça superior, a branca, desde que pura. No entanto, são precisamente os negros que sobrevivem, juntamente com um branco e uma branca, o que contribuirá também para a revalidação mestiça na continuação da Humanidade.

Este romance funciona como uma metáfora política e ecológica, servindo a ironia para desconstruir a imagem de uma redenção do ser humano através do dia do «juízo final», como que a acentuar a ideia de que as imperfeições são parte imutável do mundo, desconstruindo-se a hipótese de «limpeza» que o fim do mundo poderia trazer. Afinal os que sobreviveram

estão cheios de defeitos e evidenciam os sete pecados mortais: a gula; a luxúria; a ganância; a preguiça; a vaidade; a inveja e, por vezes, a ira. Um dos exemplos é a importância que as personagens dão ao dinheiro. Uma das primeiras acções que Simba Ukolo pratica é, por exemplo, recolher uma *kalashnikov* e uma pistola *makarov*, do posto da esquadra abandonada, bem como muito dinheiro de bancos desprotegidos. O médico, no entanto, será o elemento do grupo que se mostrará mais preocupado na continuação da espécie humana e em encontrar formas de vida sobrevivente.

As tensões entre grupos étnicos presentes no velho mundo continuam a manifestar-se e, apesar de rapidamente serem resolvidas, este é mais um aspecto que não deixa ilusões ao leitor: o novo mundo afinal não é mais do que a continuação do velho.

Em *O Quase Fim do Mundo*, os narradores vão oscilando, sendo dada primazia ao narrador heterodiegético e onisciente. A acção narrativa arrasta-se, a ponto de perguntarmos se o romance não ganharia com maior concisão, ainda que a sensação que se tem, quando se acaba de ler o livro, é a de que o escritor se vai preparar para continuar a estória. De facto, a narrativa termina, em parte de forma não conclusiva: as personagens regressam a Calpe, ficando para trás Ísis grávida, em Paris, e deixando no ar questões: voltarão os amigos a reunir-se? Como se reconstruirá a nova Humanidade, agora que os alimentos acondicionados vão perecendo, que a energia eléc-

trica vai faltando, e, sobretudo, que há tão poucos sobreviventes?

O estilo deste romance é, sobretudo, ligeiro e pouco contido, aproximando-se, neste aspecto, de *Predadores* e afastando-se de outros livros deste autor em que a contenção, o rigor e a plasticidade eram bem mais marcantes.

*Doutora em Literatura, autora do livro *O Discurso da Ironia? em Literaturas de Língua Portuguesa* e professora da Escola Superior de Educação de Coimbra, Portugal.

TELEFUNKEN

Luis Maffei

Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2008

64 páginas

Jorge Fernandes da Silveira*

Yo no sé lo que sé hasta que no me lo dicen mis propias palabras.

Antonio Gamoneda

No sé, cuando escribes hay muchas cosas que no se pueden decidir.

Pedro Almodóvar

Toda leitura é um período de convalescença no texto que apaixonava, seja um romance grande ou um poema pequeno:

FIO

a Ingmar, filho

Nada tão sério, nada grave: odeia-se, odeia com força necessária ao belo gesto do malogro. Que seja o mundo?, pouco menos, pouco mais, pouco.

Só quero te deixar um breve fio, uma
[notícia, vaga

luz que de fulgor tem pouca

coisa: odeia-se é com corte, veia na

tomada,

cirúrgico intervalo entre uma escarpa e uma escultura.

Meu Ódio Será Sua Herança. O título no Brasil do violentíssimo *The wild bunch* (1969), de Sam Peckinpah, revolucionário no gênero *western*, pode se afixar como cartaz, legenda, à segunda parte do poema de abertura de *Telefunken*, 2008, de Luis Maffei.

«Só quero te deixar um breve fio», filho. Com estes nomes geminados assim de propósito, interrompo e completo à minha maneira o primeiro verso da segunda divisão. Hipótese de corte profundo em início de comentário, já que tudo neste livro é «du[pl]o», mesmo quando não se apresenta partido em dois.

O legado ao filho disposto em discurso a partir do sexto verso, traduzido pelo filme de cineasta de títulos tão capitais como *Tragam-me a Cabeça de Alfredo Garcia* (1974), pode parecer excessivo. Ele não tem o tamanho justo do mundo, mas do modo como se expressa com justeza parece maior do que o de verdade. Desde a primeira secção, igualmente arbitrária, a herança é um bem cuja leitura assenta-se duvidosamente em meios termos; não como expressão cordial de brandos costumes, porém, porque já misturados (mixados) pela marca da exclusão num segundo verso em movimento de imagens estrategicamente montadas que, entre versos, saltam da indeterminação